

**FACULDADE COMUNITÁRIA DE PEDAGOGIA DA SERRA
REDE DE ENSINO DOCTUM**

MARIA HELENA ROCHA

**DISLEXIA:
IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

SERRA/ES

2013

MARIA HELENA ROCHA

**DISLEXIA:
IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade Comunitária de Pedagogia da Serra - Rede de Ensino Doctum, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Karla Veruska Azevedo.

SERRA/ES

2013

MARIA HELENA ROCHA

**DISLEXIA:
IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade Comunitária de Pedagogia da Serra – Rede de Ensino Doctum, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em / / 2013 pela banca composta pelos professores:

Prof.^a Ms. KARLA VERUSKA AZEVEDO
ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a LILIAN PEREIRA MENENGUCI
EXAMINADORA

MARIA HELENA ROCHA
ACADÊMICA

Eu, Maria Helena Rocha, dedico este trabalho ao meu filho, Brian Pignaton Rocha, pela trajetória como aluno com dislexia, e a todas as crianças brasileiras que estão iniciando a descoberta da leitura, mas que, por inúmeros motivos, acabam encontrando dificuldades. São merecedoras da sensibilidade, do discernimento e do compromisso ético de todos os profissionais que se propuseram a educar os cidadãos deste país, independentemente das diferenças no processo da aprendizagem.

Agradeço a Deus por esta conquista.

À minha tia Nina, pela preocupação de mãe que demonstrou durante estes anos, dedicando o seu apoio nos momentos difíceis.

Ao meu filho Brian, por entender a minha ausência, pois foi o grande motivo da pesquisa.

A todos os professores, pela contribuição na formação acadêmica.

A todos que acreditaram e me incentivaram nesta conquista.

A todos os meus irmãos que, na fé, lembraram-se de mim em suas orações.

“Nunca pense que um pequeno grupo de indivíduos altamente dedicados não pode mudar o mundo. Na verdade, foram eles os únicos que já o fizeram.”

(Margaret Mead)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o que é a dislexia e descrever como esse transtorno tem afetado a capacidade do aluno de ler, de entender as palavras manuscritas ou impressas, de escrever e de soletrar. Para a melhor compreensão dessa desordem, foi realizada pesquisa de campo e aplicado questionário, que abordou o entendimento da dificuldade de aprendizagem, com foco na dislexia, com base nas obras de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006), Coll, Marchesi e Palácios (2004), Condemarín e Blomquist (1989) e outros autores que realizaram estudos sobre o tema. A aprendizagem é um processo natural na vida das pessoas, porém algumas passam por isso de forma conflitante e dolorosa, considerando que não têm prazer diante as dificuldades no aprendizado, pois se torna extremamente difícil superá-las. Propõe-se uma reflexão de como as famílias podem procurar diagnosticar precocemente o problema e possibilitar melhores alternativas para esses alunos em sua trajetória escolar, além de também refletir no que os educadores, diante tal desafio, podem fazer para trabalhar o desenvolvimento dessas crianças.

Palavras-chave: dislexia, dificuldade de aprendizagem, leitura.

SUMMARY

This work aims to investigate what dyslexia is and to describe how the disorder has affected the student's capacities to read, to understand handwritten or printed words, to write and to spell. For a better understanding of this disorder, a field research was conducted and a questionnaire was made, focusing on the problems of dyslexia, based on the works of Rotta, Ohlweiler and Riesgo (2006), Coll, Marchesi and Palácios (2004), Condemarín and Blomquist (1989) and other authors who conducted studies on the topic. Learning is a natural process in people's lives, but for some it is conflicting and painful, considering the fact that they do not have pleasure in their learning difficulties, for it is too difficult to overcome them. We propose a reflection on how families can seek early diagnosis and provide better alternatives for these students in their school career, and reflect on what educators, facing such a challenge, can do to work the development of these children.

Keywords: dyslexia, learning difficulties, reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O QUE É DISLEXIA	11
1.1 DIFICULDADES DE LEITURA EM CRIANÇAS DISLÉXICAS.....	12
2. APRENDIZAGEM	15
2.1 DISLEXIA E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	16
2.2 FATORES QUE INTERFEREM NA APRENDIZAGEM	17
2.3 A CRIANÇA DISLÉXICA NA ESCOLA	18
3. DISLEXIA: CRIANÇA E TERAPEUTA	22
3.1 TERAPEUTAS E PROFESSOR	23
3.2 TERAPEUTAS E PAIS	24
4. METODOLOGIA	26
4.1. ESCOLA A (SERRA)	27
4.2. ESCOLA B (VITÓRIA)	27
4.3. ESCOLA C (SERRA)	27
4.4. PAIS	28
4.5. O OLHAR DOS SUJEITOS	29
4.5.1 Sujeitos da pesquisa	29
4.5.2 O olhar dos professores	30
4.5.3 Observação da aluna com dislexia	31
4.5.4 Discussão da pesquisa	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho concentra a atenção no tema dislexia. O interesse pela temática surgiu da minha vivência com meu filho, que motivou meu ingresso nesta instituição para descobrir como a escola tem trabalhado com o aluno disléxico.

A proposta desta pesquisa é averiguar as metodologias utilizadas no processo de aprendizado da criança disléxica, a interação entre a família e a escola e se há algum diagnóstico junto ao clínico para que o docente esteja respaldado nesse processo de mediação da construção do conhecimento.

Garcia (1998) relata uma breve história sobre a dificuldade de leitura e escrita e descreve o caso de um adulto que perdeu a capacidade de leitura, mas conservou a capacidade de compreender e de se expressar verbalmente.

A literatura vem definindo a dislexia como distúrbio no desenvolvimento da leitura, e aponta como sintomas causados pela mesma a lentidão na leitura oral, incluindo omissões e substituições de palavras, interrupções, correções, bloqueio e a falta de compreensão, e a dificuldade na fala.

O objetivo desta pesquisa é abordar métodos de ensino utilizados com crianças disléxicas e seus resultados, bem como apresentar a relação escola/ família nesse processo. É apresentada, também, outra abordagem do desenvolvimento educacional do aluno com tal especificidade, de maneira que não seja excludente, diminuindo, assim, o quadro de evasão escolar e fracassos na aprendizagem.

1 O QUE É DISLEXIA?

Muitas são as dificuldades de aprendizagem que se encontram nos espaços escolares. A dislexia é uma dificuldade silenciosa, mas que se faz presente de forma expressiva nesse contexto. Não possui cura, mas pode ser melhorada em até 80%, desde que diagnosticada e tratada de forma adequada.

A dislexia é uma limitação nos campos da leitura, da escrita e da soletração, bem como em outros campos, como percepção de dimensões e resolução de operações matemáticas. A criança, no seu primeiro contato com a escrita e com a leitura, encontra essas dificuldades, e isso a impede de ter um bom desempenho escolar, muitas vezes até causando incertezas quanto a possíveis dificuldades fonológicas.

Faz-se necessário um apanhado geral dos principais estudiosos da dislexia e suas definições do transtorno.

Snowling e Stackhouse (2004) reúnem conceitos que alguns estudiosos elaboraram para a dislexia. Dr. Pringle-Morgan (1896) chamou a desordem de cegueira vocabular congênita, pois durante muitos anos acreditou que a dificuldade de leitura era proveniente do processamento visual. Trinta anos mais tarde, Samuel Orton publicou um livro utilizando o termo estrefossimbolia, ou, literalmente, distorção dos símbolos.

[...] e o importante é que ele reconheceu que estrefossimbolia tinha tendência a ocorrer em famílias e estar associada a outras formas de deficiências de linguagem. [...] Ele achava que as causas da dificuldade seriam encontradas na lateralização incompleta dos hemisférios cerebrais, mas sua remediação requeria ensino especializado. (Snowling; Stackhouse, 2004, p.11)

Condemarín e Blomquist (1988) afirmam que Samuel Orton sugeriu uma inadequada instalação da dominância lateral, que explicaria o surgimento da dislexia. É importante lembrar que Orton é considerado, até os dias de hoje, um marco nos estudos do transtorno, “pois, a partir dele, o foco dos profissionais especializados passou a ser a dislexia como consequência de uma causa neurológica”. Após ele,

outros pesquisadores, como Penfield, Roberts, Milkebust, Sperry e, atualmente, Albert Galaburda, deram continuidade a esses estudos.

A Federação Mundial de Neurologia recomendou, em 1968, que o termo fosse aplicado às crianças “que não conseguem ler, apesar de possuírem uma inteligência adequada, receberem instrução convencional e oportunidades socioculturais” (Stanovich, 1994, *apud* Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2006, p.173) e a recomendação foi logo rejeitada devido à insatisfação da comunidade científica com o modelo médico proposto.

Segundo Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006), não se trata de uma doença, mas de um distúrbio de aprendizagem congênito que interfere significativamente na compreensão dos símbolos linguísticos e perceptivos.

Este transtorno não é devido nem à deficiência mental, nem a uma inadequada ou escassa escolarização, nem a um déficit visual ou auditivo, nem a um problema neurológico. Somente se classifica como tal se é produzida uma alteração relevante do rendimento acadêmico ou da vida cotidiana. (Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2006, p.173).

Conclui-se, portanto, que há vários estudos científicos sobre o surgimento da dislexia e como essa se localiza no indivíduo. Entretanto, para a maior parte dos autores, a ideia de que as interferências do transtorno notam-se, principalmente, na leitura e na escrita, são bastante similares.

1.1 DIFICULDADES DE LEITURA EM CRIANÇAS DISLÉXICAS

Pode-se definir a leitura como ato de interpretar um conjunto de informações. O hábito da leitura é uma prática muito importante para o desenvolvimento de raciocínio, senso crítico e da capacidade de interpretação. A criança deve ser estimulada para o prazer da leitura desde cedo, pois ler faz parte da formação cultural de cada indivíduo e estimula a imaginação, possibilitando a descoberta de diferentes hábitos e culturas.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1985), as crianças passam por quatro fases distintas: pré-silábica, em que não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; silábica, em que interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma; silábico-alfabética, em que mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; e a alfabética, em que domina, enfim, o valor das letras e sílabas. Esse seria o processo natural da criança em sua fase de alfabetização, sem nenhuma informação de diagnóstico de suposta dificuldade.

O diagnóstico da dislexia é feito se houver alguma interferência no desempenho escolar ou em quaisquer outras atividades da vida diária em que a leitura seja o foco. Averigua-se, na revisão de literatura, que vários autores têm similares definições da dislexia, ressaltando que cada pessoa tenha a sua subjetividade quanto à necessidade manifesta na dificuldade de aprendizagem.

Diante do exposto, fica claro o fato de que a leitura é uma forma complexa de aprendizagem simbólica, na qual mudanças relativamente triviais em uma palavra podem alterar completamente sua pronúncia e seu significado. É um processo que envolve linguagem escrita, atenção, habilidade motora, vários tipos de memória, organização de texto e imagem mental. O processo de leitura varia de indivíduo para indivíduo, dependendo de fatores como idade, maturação, sexo, hereditariedade, tipo de língua, instrução, prática e motivação. (Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2006, p.173)

Para o indivíduo diagnosticado com dislexia, a leitura oral é feita com omissões, distorções e substituições de palavras, resultando em uma leitura lenta e vacilante. A criança entre seis e sete anos de idade, em fase de alfabetização, começa a encontrar as dificuldades citadas, o que altera também processos de escrita, cálculo e soletração, pois o aluno não consegue codificar o que lê, e encontra dificuldade também na análise e síntese de fonemas. Considerando que a criança acima da média esteja lendo acima da sua faixa etária e a criança abaixo da média leia abaixo do nível esperado para sua faixa etária, pode-se notar nesse processo se a criança é disléxica. No entanto, é necessário que os envolvidos na aprendizagem da criança, principalmente quem a acompanha e a instrui nesse processo, saibam, de fato, como identificar a dislexia, podendo tomar medidas para que sejam feitos acompanhamentos mais específicos.

Sendo assim, o termo dislexia deve ser aplicado à criança que não consegue ler e nem escrever, mas que mantém suas habilidades cognitivas consideradas normais para a sua faixa etária e para o seu contexto sociocultural.

2 APRENDIZAGEM

Através de fatores emocionais, neurológicos relacionais e ambientais, a aprendizagem se processa com a mudança de comportamento. Aprender é a interação do meio em que se vive com a integração mental, e o professor é coautor do aprendizado do aluno, construído e reconstruído continuamente.

Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006) descrevem a aprendizagem e a memória da seguinte forma: A informação, processada no sistema nervoso central, é conhecida pelo indivíduo e gera uma memória, ou seja, uma lembrança, e produz uma nova mudança no ponto de vista neurobiológico. Seria de extrema importância que o profissional da educação tivesse conhecimento desse processo.

A dislexia deve ser analisada por dois parâmetros: Educação e saúde. No âmbito educacional, o aluno deve ser atendido pelos educadores, orientadores educacionais, pedagogos e psicopedagogos; na área de saúde, seria acompanhado por pediatras, neurologistas, neuropediatras, psicólogos, psiquiatras da infância e adolescência, fonoaudiólogos, psicomotricistas, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais. Em alguns casos, há envolvimento de um profissional de neuropedagogia.

Para Davis (2004), Samuel Orton trata a dislexia como uma lateralidade cruzada do cérebro. Isso significaria que o lado esquerdo do cérebro estaria fazendo o que o lado direito supostamente deveria fazer, e o direito estaria fazendo o trabalho do esquerdo. Mas, em pouco tempo, Orton apresentou uma segunda teoria, afirmando que se tratava da “dominância hemisférica mista”, ou seja, um lado estava dominante em certas funções.

Originalmente, os pesquisadores acreditavam que os disléxicos teriam sofrido algum tipo de lesão cerebral ou nervosa, ou seriam portadores de uma disfunção congênita. Em qualquer um dos casos, haveria uma interferência nos processos mentais necessários à leitura. (DAVIS *et al*, 2004, p.35)

Verificam-se diferenças nas áreas temporais, parietais e occipitais do cérebro de indivíduos com dislexia. As mais recentes técnicas de investigação em imagiologia não invasivas mostram que o hemisfério esquerdo posterior não funciona de forma eficaz, ativando zonas diferentes do cérebro durante a leitura, em comparação com os indivíduos não disléxicos.

2.1 DISLEXIA E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Em relação ao processo de aprendizado, em que a dislexia vem sendo evidenciada pela desigualdade de desempenho escolar, como explicar a condição intelectual do aluno que venha a ter mau desempenho na atividade de leitura e escrita?

Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006) descrevem a aprendizagem como um processo natural da vida do ser humano, pois está em constante desenvolvimento, sendo que algumas pessoas têm habilidades mais rápidas para assimilar e outras desenvolvem em um processo mais demorado. Essas pessoas que têm demonstrado um processo mais lento no seu aprender podem apresentar alguma dificuldade que necessita de um diagnóstico clínico, para que se tenha como intervir. Tem sido grande a preocupação sobre a dificuldade de aprendizagem por parte dos especialistas, pois quanto mais cedo se identificar o problema, maior é a possibilidade de um atendimento mais adequado. Muitas são as necessidades que a criança com dislexia apresenta, e muitas famílias não têm o grau de conhecimento suficiente para observar esses fatores, sendo de muita importância o olhar do professor diante do que a criança apresenta em seu cotidiano escolar.

Com o intuito de descrever as diferentes formas de transtornos de aprendizagem, Davis (2004) apresenta os problemas apresentados por alunos disléxicos de forma subdividida e classificada. Nos dias atuais, mais de setenta nomes foram usados para descrever os vários aspectos da dislexia, existindo muitas teorias sobre as suas causas. São vários tipos de dificuldades encontradas em sala de aula, em alunos com diferentes capacidades de conhecimentos e de culturas, e entre esses saberes, alguns com transtornos de aprendizagem que evidenciam ainda mais a dislexia.

2.2 FATORES QUE INTERFEREM NA APRENDIZAGEM

São vários os fatores que interferem na aprendizagem, como dificuldades psicológicas, falta de motivação e baixa autoestima.

No caso de alunos disléxicos, alguns sinais auxiliam no diagnóstico da desordem:

- Dificuldades para ler em voz alta;
- Dificuldades para soletrar;
- Baixa autoestima;
- Confusão com direita e esquerda;
- Problemas para seguir direções;
- Demora a terminar exercícios de escrita;
- Dificuldades com a matemática;
- Relutância em ir à escola.

Coll, Marchesi e Palácios (2004) abrangem, em sua obra, transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Em geral, entende-se que, para poder falar de um atraso específico na aprendizagem da leitura, se faz necessário reunir várias condições, como dificuldades sensoriais, doenças crônicas, transtornos psiquiátricos e doenças neurológicas. O correto, então, seria direcionar o caso ao profissional neurologista, pois se fazem necessários esclarecimentos sobre outros sintomas que possam surgir.

São muitas as doenças neurológicas que se relacionam com ambiente escolar e distúrbios de aprendizagem, porém não cabe ao professor o diagnóstico. O professor atuaria como mediador junto à equipe pedagógica e à família para que se possibilite um tratamento adequado e possibilidades de tarefas adaptadas, facilitando, assim, para que este aluno se desenvolva e acompanhe a sua turma. Diante os distúrbios que se apresentam na escola, cabe à mesma orientar a família para o diagnóstico com os clínicos na sua especialidade.

De acordo com Coll, Marchesi e Palácios (2004), o professor deve levar em conta que a criança é um ser sociável e carrega consigo a sua cultura e os seus valores,

advindos do ambiente em que se encontra em comunidade. Sendo assim, é necessária uma adaptação que possibilite ao aluno com dislexia um desenvolvimento não imposto, mas prazeroso mediante a dificuldade que já traz consigo.

Ainda considerando esse distúrbio de aprendizagem, vale ressaltar a importância de o professor avaliar adequadamente o material trabalhado com esse aluno e os seus métodos de utilização.

2.3 A CRIANÇA DISLÉXICA NA ESCOLA

Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006) fazem uma reflexão sobre a dislexia: uma dificuldade ou um transtorno? Ao ingressar na escola, todas as crianças têm o seu ritmo de aprendizado, umas com desempenho rápido, outras que desenvolvem o que aprendem mais lentamente. Considerando a criança que não consegue um desempenho satisfatório para crianças da sua faixa etária, se faz necessário observar se há algum distúrbio que a impossibilite a aprender de forma adequada. Mediante um olhar clínico, em alguns casos, surge a dislexia, que não é uma doença, mas uma dificuldade de desenvolvimento da escrita e da leitura, como foi citado anteriormente. Após o diagnóstico, cabe ao profissional da educação ter o senso crítico de que a criança tem dificuldades de aprendizado de cunho neurológico e de que ele, como educador, precisa adaptar-se a esse contexto, para proporcionar ao aluno condições melhores para que ele se sinta incluso no ambiente escolar.

Os problemas que as crianças encontram na fase de alfabetização são os mesmos. A diferença é que as crianças sem dislexia vão vencendo etapas notoriamente, e as com dislexia passam pelo processo de forma mais lenta. Os alunos podem apresentar disgrafia – dificuldade do desenvolvimento da escrita em relação à caligrafia ou à coerência da escrita, com traçado lento e letra ilegível – ou disortografia – deficiência na escrita expressiva.

O profissional terapeuta, em vários momentos, sugere que a família esteja em sintonia com as trocas de experiência da criança. A família também é orientada a passar informações para a escola e para o especialista, e essa troca possibilitaria melhor avaliação dos progressos, dos pontos de dificuldades, dos tropeços e das necessidades de mudança e de estratégia.

Em relação ao desempenho escolar do aluno, a família deve estar orientada pela escola no que envolve a dificuldade no ambiente, para a melhor informação com o especialista, já que a sala de aula é o lugar em que mais se evidencia a dificuldade. Sendo assim, o educador precisa transmitir segurança e habilidade para que o aluno não venha se tornar retraído e, automaticamente, se sentir excluído.

Segundo Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006), as principais características apontadas pelos professores frente a uma criança com dificuldades específicas são:

- a) confusão de letras com pequenas diferenças na grafia: e – c, i – j, u – v;
- b) confusão entre letras com diferente orientação espacial: b – d, b- p, d –p;
- c) inversões;
- d) substituições;
- e) adição, subtração e repetição de sílabas, palavras e frases;
- f) leitura e escrita em espelho;
- g) dificuldade na decodificação A e na pontuação no final das frases.

Entretanto, várias dessas características são bem presentes nas crianças em fase de aprendizado de leitura e escrita. Portanto, é necessário que o professor obtenha informações mais específicas, para que não haja dúvidas entre a dislexia e a dificuldade de aprendizado, e também para que os pais possam entender com clareza a necessidade do seu filho (a).

Estudos apontam que a criança armazena sequências articulatórias que, combinadas entre si, constituirão a sua base gestual-sonora das palavras. Crianças com dislexia, por exemplo, têm dificuldade na decomposição fonológica. O entendimento de fala é ileso, porém a leitura geralmente é lenta ou silabada.

No que se refere à ortografia ou à caligrafia, se faz presente a dificuldade de compor textos escritos com evidência de erros de gramática e pontuação, dentro das frases, má organização dos parágrafos, múltiplos erros ortográficos e outros prejuízos na expressão, como omissão e inversão de letras. Uma criança com disortografia demonstra, geralmente, falta de vontade para escrever e os textos são reduzidos, com organização pobre e pontuação inadequada. De uma forma geral, a característica mais comum nas crianças com disortografia é, sem dúvida, a ocorrência de erros ortográficos, sejam esses de caráter linguístico-perceptivo, visoespacial, visoanalítico, de conteúdo ou referentes às regras de ortografia.

Caso essas dificuldades que o aluno enfrenta não sejam devidamente analisadas e trabalhadas, pode ocorrer o fracasso escolar, que, em alguns casos, resulta em evasão.

Segundo o Art. 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, “o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

É um grande avanço, pois faz referências às necessidades especiais. Podemos entender que, juridicamente, a dislexia é uma necessidade especial, já que ocorre por conta de um componente genético, exceto nos casos resultados de acidente vascular cerebral (AVC).

Não é necessário que o aluno disléxico fique em sala especial, pois muito tem a oferecer na convivência com os colegas, por proporcionar convívio com diferentes formas de aprendizado, e também a receber deles, que proporcionarão a troca de humores e saberes, além de habilidades que só acrescentam à formação de personalidade e aos sentimentos de amizade, de cooperação e de solidariedade.

Quando todos os professores estão cientes de que o aluno tem dislexia e o próprio aluno também sabe da sua limitação, os professores têm melhores possibilidades de trabalhar. Quanto aos colegas de sala, cabe ao aluno contar a sua dificuldade ou

não, mas os professores podem auxiliar na contribuição entre o aluno e os colegas, para que estes entendam o caso e convivam de forma harmoniosa.

Atualmente, as abordagens sobre o convívio com as diferenças são muitas, mas sabemos que, na nossa sociedade, as diferenças não são tão bem aceitas, por causa de preconceitos e concepções. Diante tal realidade, o educador deveria possibilitar e intermediar de forma positiva essa troca de informação entre o aluno com dislexia e seus colegas.

3 DISLEXIA: CRIANÇA E TERAPEUTA

Conforme Frank (2003), existem ferramentas e estratégias para o aluno disléxico alcançar sucesso em sua vida escolar.

É importante manter os canais de comunicação abertos com os professores, discutindo problemas e estratégias com eles e encontrando o melhor estilo de aprendizagem para esse aluno.

Em relação à prática da leitura, é recomendável pedir que o mesmo leia e releia o material, conversar sobre o que o aluno leu, dar mais tempo para as leituras, ler pausadamente, com intervalos frequentes, utilizar livros com versão em áudio e, também, assistir a um filme inspirado no livro lido.

Para desenvolver noções temporais e sequenciais, a criança com dislexia deve ouvir fatos, ao invés de ler sozinha, usar métodos multissensoriais, utilizar linhas do tempo com auxílio do professor e, também, utilizar revistas para selecionar figuras que representem o conteúdo a ser organizado em sequência.

Para aprimorar a escrita, devem ser dadas instruções claras para os exercícios de escrita. O aluno deve, também, reescrever as instruções com suas próprias palavras. Criar uma caixa de palavras ajudaria na assimilação melhor da ortografia.

Mesmo observando estas técnicas e métodos, também é indispensável um olhar seguro em relação à avaliação. O aluno deve ser avaliado de uma forma diferenciada, pois o disléxico tem dificuldade para ler, mas, em geral, pode lidar melhor com as partes do que com o todo. Assim sendo, o reeducador pode orientar os professores a melhorarem sua avaliação, evitando elaborar avaliações que contenham exclusivamente textos – sobretudo textos longos –, utilizando uma única fonte simples em toda a prova, lendo a prova em voz alta antes de iniciá-la, conservando na prova a terminologia utilizada durante a aula e no livro e dando mais tempo de prova ao aluno. Outras medidas seriam elaborar mais avaliações e menos conteúdos, para que o aluno possa realizá-la num tempo menos, e não registrar a

nota em antes retornar a prova com ele, para verificar o que ele quis dizer com o que escreveu;

De acordo com Condemarín e Blomquist (1989), o terapeuta deve ser o profissional que se dispõe a corrigir as dificuldades de leitura e escrita, com um trabalho baseado na relação compreensiva e estimulante entre esse profissional e a criança.

Portanto, é importante que o terapeuta tenha uma boa relação afetiva com a criança, pois, em algumas vezes, pode encontrar uma criança triste e deprimida, um pouco agressiva e com as suas reações emocionais abaladas por devidos esforços para uma leitura melhor, mas sem sucesso. A leitura dessa criança é fracassada, e a ela acaba recusando a prática por achá-la cansativa e por não conseguir associá-la a uma experiência recreativa ou agradável. Muitas vezes por falta de informação da dificuldade específica da criança, os responsáveis pela mesma rotulam esse comportamento como negligência pela falta de leitura, muitas vezes fazendo certas exigências escolares e aplicando castigos severos.

Segundo a International Dyslexia Society, na dislexia deve ser sempre observado que as diferenças são pessoais, o diagnóstico é clínico, o entendimento é científico e o tratamento é educacional. Tanto o diagnóstico como o tratamento podem ter características multidisciplinares, principalmente interdisciplinares, porque só dessa forma poderão ser abordado, no momento certo, cada um dos aspectos de um todo, que deve ser encarado de maneira uniforme. (Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2006, p.173)

Vale ressaltar, também, que, em nossa sociedade, com o reconhecimento da leitura e da escrita como habilidades cruciais para o sucesso profissional, quanto mais cedo houver a intervenção no tratamento da dificuldade de dislexia, maiores serão as possibilidades do indivíduo alcançar êxito em sua vida profissional.

3.1 TERAPEUTAS E PROFESSOR

Conforme Condemarín e Blomquist (1989), o terapeuta, ou reeducador da leitura, deve manter contato com o professor da criança com dislexia, por escrito ou até

mesmo através de visitas à escola, para que esses profissionais compartilhem cooperem entre si e com o desenvolvimento de aprendizado deste aluno.

A pessoa que se dedica a corrigir as dificuldades das crianças na leitura realiza, além de sua tarefa instrutiva, um tipo de trabalho psicoterapêutico baseado na relação compreensiva e estimulante. Ambas as coisas servem para desenvolver certas habilidades e destrezas e para promover atitudes positivas para com a aprendizagem da leitura. (Condemarín; Blomquist, 1989, p.58)

Os autores sugerem, então, algumas propostas para que se consiga uma boa relação com a criança, como explicar a ela sua dificuldade e mostrar-lhe que não é responsável por elas, explicando o plano terapêutico que irá realizar-se; manter uma atitude afetuosa e firme com a criança; utilizar recursos ilustrados que estimulem a aprendizagem; e também iniciar o atendimento utilizando materiais que contenham o nível de leitura que a criança domina, pois isso dará a ela maior confiança, e só após um tempo de adaptação introduzir exercícios destinados a superar as dificuldades específicas da criança.

É preciso deixar claro, também, que a dislexia não é uma condição que limita completamente as habilidades do indivíduo. São conhecidos casos de disléxicos talentosos em artes, música, teatro, desportes, mecânica, vendas, comércio, desenho, construção e engenharia. Não se descarta, ainda, a possibilidade de capacidades intelectuais singulares. O disléxico pode, por outro lado, ter uma necessidade de conduta típica, com síndrome e quadro de ordem psicológica, neurológica e linguística, de modo que sua síndrome comprometa a aprendizagem eficaz e eficiente de leitura e escrita, mas não chega a comprometer seus ideais, ideias, talentos e sonhos. Por isso, diagnosticar, avaliar e tratar a dislexia, conhecer seu tipo e sua natureza é um dever do Estado e da sociedade e um direito de todas as famílias com crianças disléxicas em idade escolar.

3.2 TERAPEUTAS E PAIS

É de muita importância que a criança seja cuidada de forma específica ao seu caso. Devido aos fracassos dos filhos, os pais podem chegar a sentir culpa e angústia,

muitas vezes necessitando de orientações para que não transmitam reações emocionais negativas a essas crianças.

Conforme Condemarín e Blomquist (1989), na entrevista com os pais, o terapeuta deverá explicar as limitações do filho disléxico e quais podem ser as consequências no rendimento escolar. Quando estão auxiliando o filho disléxico, os pais podem mostrar impaciência ao auxiliar nas tarefas escolares. Cabe aos pais mostrar apoio e compreensão, passando segurança para essa criança. Deve ser exposta, também, a abordagem dos pais com essa criança, evitando reações negativas e castigos.

É de muita importância que o terapeuta converse com os pais, fazendo um apanhando do histórico familiar, até mesmo para que se compreenda o porquê da criança apresentar essa dificuldade, e também para entender que a criança não se encontra em situação de negligência. Convém que os pais sejam informados sobre o desenvolvimento desta criança.

Além do apoio afetivo, a criança precisa de estímulos concretos, que devem registrar seus progressos. Da mesma maneira, o reeducador, que de acordo com o caso poderá ser o psicopedagogo ou fonoaudiólogo, deve estabelecer uma boa relação com os pais e também com o professor da criança, devendo fazer recomendações necessárias e que contribuam na superação das dificuldades.

4 METODOLOGIA

Este trabalho tem como caracterização a pesquisa de campo, de natureza qualitativa de cunho etnográfico, que permite investigar os sujeitos dentro do seu contexto social.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. (Lüdke *et al*, 1986).

Os autores ratificam a ampla forma de investigar o sujeito dentro do seu ambiente de forma espontânea e sem interferência de ações.

A pesquisa se desenvolveu em três escolas, duas no município da Serra e uma em Vitória, e isso possibilitou uma ampla visão na investigação.

Em relação às referidas crianças pesquisadas, foram observados fatores como: interesse do aluno nos conteúdos, comprometimento, dificuldade de concentração e de assimilação, limitação de leitura e omissão de letras.

Fizemos o uso de questionário com três mães, que tem filhos na rede pública de ensino regular. O instrumento utilizado para a pesquisa foi um questionário com catorze perguntas para as mães, e foram entrevistados sete professores da rede de ensino público, sendo um professor da sala de atendimento/recursos, quatro de ensino fundamental I, um de ensino fundamental II e uma pedagoga. Em função da dificuldade dos professores em responder o questionário, foi preciso realizar uma roda de conversa com o objetivo de observar o ponto de vista dos profissionais envolvidos na pesquisa. A investigação ocorreu em escolas que possuem sala de recursos, o que possibilitou saber sobre a sua utilização com os alunos disléxicos.

Conforme a literatura aponta, o professor necessita conhecer a dislexia para reconhecê-la no contexto escolar, pois o mesmo é o responsável pela alfabetização e vivencia o desempenho desta criança. Ele é responsável por sinalizar alguma atitude inadequada da criança para que a equipe multidisciplinar intervenha. Sendo

assim, foi observado que os educadores pesquisados apresentam despreparo para a convivência com a criança disléxica, e esses mencionaram que nunca tiveram uma formação continuada sobre o assunto. Na sua graduação, não tiveram disciplina que contemplasse tal estudo de forma apropriada.

4.1 ESCOLA A (SERRA)

A instituição possui trezentos e cinquenta e cinco alunos, segundo o banco de dados da secretaria da escola. Dos quatro professores que fizeram parte da roda de conversa, dois têm mais de 10 anos de profissão, sendo três graduados e um com o curso em andamento. Não há, na escola, nenhum aluno diagnosticado com dislexia, mas, no momento em que este levantamento é feito, há uma falta de consenso, já que os entrevistados afirmaram não saber mais detalhadamente o que é a dislexia e, ao mesmo tempo, apontaram vários alunos fazendo parte da necessidade específica de dislexia.

4.2 ESCOLA B (VITÓRIA)

Conforme a secretaria da escola, estão matriculados na instituição seiscentos e noventa e cinco alunos. Em conversa com a professora da sala de recursos /multifuncional, a mesma informa que, dos sete professores do ensino fundamental I do turno vespertino, um está com a graduação em curso, cinco têm mais de 10 anos de graduação e um tem menos de 10 anos.

4.3 ESCOLA C (SERRA)

Estão matriculados na instituição trezentos e sessenta alunos e trabalham nela treze professores, todos graduados. A educadora da sala de recursos/multifuncional tem especialização em Educação Especial e atualmente atende uma aluna diagnosticada com dislexia.

4.4 PAIS

Entrevistamos três mães com o objetivo de investigar qual é o grau de conhecimento das mesmas em relação às dificuldades de seus filhos. Elaboramos catorze questões, mas selecionamos somente cinco por julgá-las mais relevantes na obtenção dos objetivos. As perguntas foram: “como foi o processo de descoberta da dislexia em seu filho?”, “você orienta seu filho nas atividades escolares?”, “para você, o resultado da nota que o seu filho obtém limita-se à aprendizagem no ambiente escolar?”, “como foi a aceitação do diagnóstico? quais mudanças ocorreram após o mesmo?” e “quais são as maiores dificuldades de aprendizagem do seu filho?”.

Com a primeira pergunta, percebemos que, em relação à descoberta da dislexia, as mães deixam claro que foi um processo muito difícil, pois o diagnóstico ainda é muito difícil de ser concluído, chegando a ser confundido com falta de interesse nos estudos e indisciplina. Com a segunda pergunta, notou-se que as mães têm consciência da ajuda que os filhos necessitam para obter um resultado positivo na escola.

Observamos, entretanto, respostas diferenciadas na terceira e na quarta questão. As mães citadas não se harmonizaram em relação às perguntas, pois somente uma mãe demonstrou a importância de se ter uma parceria entre escola, terapeuta e família para que se obtenha um resultado positivo no desenvolvimento da criança com dislexia. Uma das mães apontou a escola como sendo a única culpada pelo problema de aprendizagem do filho, e eximiu a família da responsabilidade dos resultados obtidos pelo filho. Observamos que a terceira mãe foi objetiva em culpar a filha pelos seus resultados, e ratificou que a dislexia não é a culpada por isso. Analisando a resposta da mesma mãe sobre a segunda pergunta, percebemos que a mãe não mostra interesse e dedicação nos estudos da filha, que são de suma importância no processo de aprendizagem do aluno disléxico, segundo os autores pesquisados.

Sobre a quinta questão, as maiores dificuldades apontadas pelas mães foram trocas de letras, leitura e escrita de forma geral. Essas características são ratificadas pelos estudos teóricos que sustentam esta pesquisa, que pontua a especificidade que cada criança disléxica apresenta no seu quadro clínico.

Diante das respostas apresentadas, notamos que as mães pesquisadas sabem e têm consciência da dificuldade de aprendizagem dos filhos, mas cada uma delas possui uma forma de aceitar e de se comportar diante a dificuldade.

Dando continuidade à nossa pesquisa, apresentaremos, a seguir, os resultados colhidos a partir das conversas com os docentes a respeito da dislexia.

4.5 O OLHAR DOS SUJEITOS

4.5.1 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com um total de trinta e quatro professores, três mães e três crianças. Em relação ao grau de escolaridade das mães, uma tem o ensino fundamental incompleto e duas estão cursando graduação. Dentro do total de professores, foram separados três, por serem relevante à pesquisa, sendo que apenas dois têm pleno conhecimento sobre a dislexia e uma nunca teve aluno com essa dificuldade. Quanto ao conhecimento das mães sobre a dislexia, duas demonstraram ter intimidade com a dificuldade dos filhos na escrita e leitura e uma não tem esse conhecimento, referindo-se a todo o momento como preguiça da criança, que não tem interesse com os estudos.

As famílias entrevistadas são de classe média baixa, com renda familiar entre dois e três salários mínimos, aproximadamente.

4.5.2 O olhar dos professores

Nas três escolas, foi organizada uma roda de conversa com os docentes para investigar se eles possuem algum tipo de conhecimento sobre a dislexia e como os mesmos diferenciam a aprendizagem dos alunos disléxicos. Foram selecionadas as respostas mais relevantes ao objetivo da pesquisa.

A primeira escola em que foi desenvolvida essa pesquisa foi uma escola em Serra. Segundo os docentes, a escola não teve nenhum diagnóstico de aluno com dislexia, porém, quando indagados sobre o conceito de dislexia, muitos docentes demonstraram não ter conhecimento sobre essa dificuldade, o que se confirmou com a fala de alguns professores que participaram da conversa, quando afirmaram que “o que mais tem na sala são alunos disléxicos”. Os professores deixaram claro que não são obrigados a saber o que é dislexia e a tecer diagnósticos sobre o aluno, pois sua formação não lhes dá embasamento para isso.

Observamos que os professores da primeira escola possuem uma visão totalmente errônea sobre a dislexia, por se tratar de uma dificuldade de aprendizagem que é sinalizada no ambiente escolar, e cabe ao professor saber detectar esses sinais para que haja mudança e direcionamento do aluno para uma abordagem adequada. Foi observada, também, a falta de comprometimento no que se refere à concepção da dislexia, quando alguns docentes trataram, de forma irônica, alunos de baixo rendimento e indisciplinados como alunos disléxicos.

Na segunda escola, os professores demonstraram desconhecer a dislexia, mas se mostraram curiosos na concepção dessa dificuldade. A própria escola dispõe de uma professora para trabalhar com os alunos que apresentam dificuldades na leitura, mas não exclusivamente a alunos com dislexia, tendo em vista que a escola não tem nenhum aluno com tal diagnóstico. Os professores dessa escola também desconhecem os sinais dessa dificuldade de aprendizagem, e também desconhecem a existência de alunos com diagnóstico fechado no seu ambiente escolar, mesmo com a existência de uma professora exclusiva para lidar diretamente com alunos que apresentam dificuldade na leitura e escrita.

Os professores da terceira escola demonstraram conhecimento em relação à teoria da dislexia, principalmente a professora de Educação Especial, que trabalha com o desenvolvimento de atividades direcionadas a uma criança diagnosticada com dislexia há um ano e meio. A professora nos relatou que oferece suporte à professora regente nas questões metodológicas e que a família tem participação ativa no processo de aprendizagem da aluna, que também recebe suporte de uma psicóloga da rede privada, que trabalha juntamente com a escola no acompanhamento da aprendizagem da aluna. A professora acrescenta que o diagnóstico da aluna proporcionou uma discussão maior sobre a dislexia, o que facilitou aos docentes detectar possíveis sinais de alunos com dislexia, a partir do caso da aluna em questão.

Observamos, assim, que o direcionamento da aprendizagem da aluna foi totalmente reorganizado, havendo a necessidade de inserir uma profissional do campo da saúde para participar e ajudar a escola no conhecimento do diagnóstico da dislexia. Este resultado só foi possível porque a escola dispõe de uma profissional especializada para lidar com os alunos que apresentam algum problema de aprendizagem, e esse é um fator extremamente positivo na articulação dentro do ambiente escolar e nas ações que são desenvolvidas no atendimento aos alunos disléxicos.

4.5.3 Observação da aluna com dislexia

A observação do comportamento da aluna diagnosticada com dislexia no âmbito escolar durou quase uma semana. Durante o primeiro dia de observação, a professora me apresentou a aluna de forma discreta, pois a mesma demonstra certa dificuldade de socialização.

A aluna aparenta não gostar de conversar com os demais colegas, necessitando da intervenção constante da professora, que segue as orientações da própria psicóloga da aluna para intervir nas questões da socialização. Ela utiliza uma película para leitura, que, segundo a professora, é um tipo de recurso que propicia maior facilidade na junção de letras. A aluna é muito observadora e disciplinada,

acompanha toda a atividade proposta pela professora, e diante de algumas dificuldades ela se retrai, pois a mesma é muito tímida. Duas vezes por semana ela frequenta a sala multifuncional para o aperfeiçoamento da leitura e escrita juntamente com a professora de Educação Especial.

A escola passou a disponibilizar papel reciclado na elaboração das atividades desenvolvidas pela professora para a aluna. Segundo a professora, a utilização desse material foi recomendação da psicóloga. O que chamou a atenção no decorrer desta pesquisa foi o fato de que a mãe protege demais a criança, e isso foi confirmado pela professora, que nos informou que o comportamento da mãe dificulta às vezes o desenvolvimento das atividades da aluna, pois a mãe tenta interferir o tempo todo nas atividades da filha.

A aluna se desenvolve bem e acompanha a turma em todas as atividades. Ela apresenta uma boa leitura, graças à película que utiliza. Não possui muita dificuldade na escrita, mas apresenta muita morosidade em desenvolvê-la.

Diante essas observações foi notado que a aluna possui as características comuns da dislexia, mas difere dos alunos disléxicos quando se trata do problema de socialização, fator que não está dentro do quadro da dificuldade. Destacamos a importância dos recursos utilizados pela aluna e também do comprometimento e suporte que ela encontra na escola.

4.5.4 Discussão da pesquisa

As ações educativas e inclusivas para o aluno com diagnóstico de dislexia têm auxiliado bastante no desempenho escolar, e a criança acompanhada pelo profissional psicólogo, fonoaudiólogo ou outro que tenha a sua especialização voltada para a devida dificuldade tem tido um desempenho melhor. No que se refere à educação, a literatura menciona que o primeiro contato com essa dificuldade é feito dentro do ambiente escolar, pois essa dificuldade é evidenciada na alfabetização, que é o primeiro contato do aluno com a leitura e a escrita. Porém, foi constatado nas rodas de conversa que alguns docentes não conhecem a dislexia e

não se sentem no compromisso de saber. Portanto, fica claro que não se preocupam em se apropriar de novas práticas educacionais inclusivas em sala de aula comum.

Snowling e Stackhouse (2008) menciona a importância da família no processo de adaptação da criança no ambiente escolar. A parceria com a escola tem obtido resultados muito relevantes, pois, para os pais, participar das atividades diárias é uma troca de aprendizagem, já que, assim, contribuem conjuntamente no desempenho dos filhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, conclui-se que é crucial para o educador o conhecimento das várias fases de desenvolvimento cognitivo e das inteligências múltiplas, bem como se processam e se manifestam nos indivíduos durante o aprendizado.

O aprendizado faz parte de todas as etapas da vida do ser humano, que está em constante construção do saber, processo que é evidenciado na fase inicial da infância, quando a criança sempre se encontra pronta para o aprendizado e conhecimento de atividades que envolvem descobrimento do mundo, muitas vezes de forma coletiva.

Considerando que todo o conhecimento adquirido é parte da interação com o meio, o professor, no contexto escolar, é o mediador da construção do saber da criança, pois o educador tem a ligação direta com o aluno no seu processo educativo, possibilitando-o a vencer suas dificuldades.

As dificuldades de aprendizagem são várias: físicas, mentais, emocionais; e incluem também outras necessidades especiais. Cada dificuldade de aprendizagem exige que se tenha uma atenção mais específica, conforme o caso de cada criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9.394/1996.

CONDEMARÍN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia: manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DAVIS, D.; BRAUN, R.; ELDON, M.. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FRANK, R.; LIVINGSTON, Kathryn E.. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2003.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da linguagem escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO; Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SNOWLING, Margaret; STACKHOUSE, Joy. **Dislexia, fala e linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.